

# Produção de filme de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte

Constantina Xavier Filha\*

## Resumo

A linguagem dos filmes de animação atinge o público e o gosto de crianças. No entanto, na maioria das vezes, as crianças são alijadas do processo de produção desses filmes. Há algumas experiências no Brasil e no exterior em que as crianças participam desse processo, ora experimentando a linguagem, ora produzindo conteúdos. Pensando sobre o alcance lúdico, imaginativo e criativo do cinema aliado à cultura da infância, foram desenvolvidos encontros de pesquisa com crianças dos 5ºs anos do Ensino Fundamental em uma escola pública de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no âmbito de pesquisas com apoio do CNPq e de projetos de extensão, nos anos de 2010 a 2013. Nesses encontros, juntamente com as questões relacionadas à linguagem cinematográfica, outras temáticas foram priorizadas para garantir a construção da narrativa dos filmes, entre elas, gênero, sexualidade, diversidade/diferença e violências contra crianças. No decorrer do processo, produziu-se juntamente com as crianças roteiros, cenários, construção de personagens e demais processos de produção e planejamento de pós-produção dos filmes de animação: *Jéssica e Júnior no mundo das cores* (2010); *A Princesa Pantaneira* (2012); *Queityléia em perigos reais* (2012); *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (2013); e *João e Maria: dos contos à realidade* (2013). Sendo assim, o presente texto tem por objetivo descrever o processo de produção dos referidos filmes, refletindo sobre a trajetória de produção coletiva entre adultos e crianças na possibilidade de produção de arte, poesia, novas formas de subjetivação e problematização de assuntos que dizem respeito às vivências das infâncias.

**Palavras-chave:** Linguagem e Educação. Cultura. Comunicação.

---

\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Unidade de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

## Entre o desejo de ver e fazer cinema

O que me parece essencialmente pedagógico no cinema é a possibilidade que ele nos dá em termos de constituição de subjetividades, em termos de conhecimento de nós mesmos e do mundo. Isso me parece pedagógico no cinema – alargar a minha visão de mundo através do conhecimento de outras culturas, através do olhar de outros diretores. Trata-se de uma possibilidade de ver o mundo de diferentes pontos de vista, tanto material quanto simbolicamente. Então, se o cinema tem alguma coisa de pedagógico, me parece que passa muito mais por esse conhecimento de mundo e de si próprio, assim como pela experiência que está entre o que significa descobrir e inventar o mundo. O cinema oferece essa possibilidade. (FRESQUET, 2012, p. 65).

O parágrafo da entrevista de Fresquet (2012), descrito acima, descreve a intenção do presente texto: descrever o processo vivido desde o ano de 2010 até 2013, com a produção de filmes de animação com crianças em projetos de pesquisa com as temáticas de gênero, sexualidades, violência e direitos humanos de crianças<sup>1</sup>, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e em projetos de extensão, bem como problematizar e buscar entender como o cinema, produzido com crianças, pode se constituir como espaço de constituição de modos de subjetivação, de produção de sentidos sobre o mundo e sobre nós mesmos(as), como possibilidade ética e estética, como espaço de poesia, de ludicidade, aspectos estudados no âmbito de pesquisa de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)<sup>2</sup> (abril/2014 a abril/2015).

O cinema, conforme descreve a autora, é capaz de possibilitar a descoberta e a invenção de outros mundos, de vê-lo de diferentes pontos de vistas e, sobretudo, de nos fazer pensar o que somos, pensar sobre o que fizeram de nós e o que queremos ser. Não tenho a pretensão de trazer respostas e sim provocar maneiras de pensar sobre o cinema, especialmente, sobre as formas de sua produção e suas relações entre os sujeitos no processo de fazer cinema entre adultos e crianças. Em um dos projetos que desenvolvi com as crianças em uma escola pública, um menino me disse que “os pensamentos viraram arte” durante o projeto, no processo de produzir coletivamente filme de animação. Essa frase não me sai da cabeça e, a partir dela, quero pensar e compartilhar a produção do cinema com crianças que desenvolvemos, socializar as minhas/nossas vivências potencializadas pela sétima arte, objetivos que pretendo trilhar neste texto.

O desejo de pesquisar sobre cinema e produzir com crianças surgiu inicialmente da minha experiência como amante dessa arte. Descobri, em minha trajetória tardia,

outras formas de linguagem cinematográfica, além da hollywoodiana de costume; com isso, novas formas de ver e entender o mundo se descortinaram à minha frente. Mais tarde, apaixonei-me pelo cinema de animação, especialmente ao participar como ouvinte do festival *Anima Mundi*, que é um dos maiores festivais mundiais de exibição de filmes do gênero. A partir daí, surgiu o interesse em produzir filmes de animação com crianças.

A primeira experiência de produção de filme de animação com criança ocorreu no ano de 2010. Antes disso, no ano de 2008/2009, já tinha realizado a produção de dois curtas-metragens<sup>3</sup> junto ao Anima Escola – Instituição criada pelo festival Anima Mundi (Festival Internacional de Animação do Brasil) que desenvolve projetos em escolas públicas para a produção de filmes de animação –, no âmbito de projeto de extensão “Educação para a Sexualidade, Equidade de Gênero e Diversidade Sexual: práticas e materiais educativos”, com apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD<sup>4</sup>/MEC). Os referidos filmes foram produzidos com professoras que foram cursistas do projeto de extensão. Esses filmes compuseram o Kit de Materiais Educativos de Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual, sob minha coordenação (XAVIER FILHA, 2009a). A experiência foi importante para observar o processo pedagógico da produção do cinema de animação e acender o desejo de viver o processo com crianças.

A primeira experiência de produção de filme de animação com crianças ocorreu no âmbito do projeto de pesquisa “Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças” (2008-2012), realizado em uma escola pública municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Dois projetos de extensão<sup>5</sup> foram desenvolvidos ao longo desse período com essa investigação.

A referida pesquisa teve dois eixos teórico-metodológicos, um deles sobre livros infantis e outro de pesquisa com crianças. O que compreendeu o trabalho com as crianças ocorreu entre os anos de 2010 e 2011. Em 2010, aconteceu entre os meses de setembro e dezembro, em encontros semanais com duas turmas de 5º ano A e B do Ensino Fundamental. Em 2011, retornamos à mesma escola e trabalhamos com duas outras salas do 5º ano, no período de outubro a dezembro. Neste ano, algumas crianças/adolescentes que participaram do projeto no ano anterior, agora no 6º ano, retornaram e desenvolveram as ações de produção do filme juntamente com as novas turmas.

As metodologias de trabalho foram diferentes para cada um dos anos em que desenvolvemos as pesquisas na escola.

Em 2010, realizamos encontros semanais com cada uma das turmas, somando 52h/a no total, além de mais um seminário final de síntese das atividades e exibição do

filme de animação produzido coletivamente com as duas turmas. Nesse ano, em cada encontro, discutíamos um tema, mediado por livros para a infância sobre temas como sexualidades, gênero e diversidades (selecionados no primeiro eixo da pesquisa). As crianças tinham espaço para dialogar e discutir sobre cada um deles. Ao final de cada encontro, produziam-se textos e/ou desenhos para registrar as concepções sobre o assunto debatido. Outras dinâmicas foram utilizadas, como trabalho em grupo, teatro, brincadeiras, brinquedos e exibição de filmes, com o propósito de tornar as discussões mais lúdicas e significativas para o grupo. Filmes de animação, junto com livros para a infância, foram importantes instrumentos para propiciar o debate e a discussão sobre as representações de gênero e sexualidade das crianças. Em vários momentos, elas expuseram sua dificuldade na leitura e entendimento do texto. Algumas folheavam os livros e diziam que eles tinham muitas “letras para serem lidas”.

A dificuldade de leitura e o pouco interesse apresentados pelas crianças nesta prática merecem reflexões a respeito do processo de escolarização ao término da primeira fase do Ensino Fundamental. Para muitas delas, a leitura mostrou ser um fardo pesado. Muitas diziam que somente queriam ver e ler as ilustrações, característica contemporânea pela qual os sujeitos se tornam leitores de imagens, imbuídos nas mais variadas culturas visuais, considerando a leitura da escrita e a interpretação do texto, consequentemente, algo secundário.

Nos encontros, os livros eram lidos de diversas formas: coletiva e individualmente, em contação de histórias, produção e reconto, entre outras. Apesar da diversidade de livros e de estratégias de leitura, nem sempre conseguimos a participação efetiva de toda a turma. O contrário ocorria quando se exibia um filme, em especial curtas-metragens de animação. As crianças mostravam-se receptivas às imagens em movimento. Após a exibição, todas pareciam entender a mensagem da história; conseguiam, nos momentos de discussão, argumentar sobre aspectos mostrados na narrativa fílmica. Observamos que as crianças e adolescentes que participaram da pesquisa eram sujeitos ativos e vorazes da linguagem cinematográfica. Passamos a trazer filmes produzidos e dirigidos por adultos, assim como alguns produzidos por crianças e adolescentes. Concomitantemente, discutimos, sob diversas propostas metodológicas, os temas sexualidades e gênero.

As discussões em torno das relações de gênero foram feitas mediadas pelo livro *A menina e o menino que brincavam de ser...* (XAVIER FILHA, 2009b). A leitura e a discussão possibilitaram a produção do argumento, do roteiro e da produção do filme de animação que coletivamente conseguimos produzir. O filme *Jéssica e Júnior no mundo das cores*<sup>6</sup> (3 min.) conta a história de uma menina que se transforma em cor-de-rosa de tanto viver imersa em um mundo rosa. O mesmo ocorre com o menino que se

torna azul. Ambos passam a questionar essa transformação e encontram conjuntamente a saída para voltar às cores de origem.

Todo o processo de pré-produção e produção do filme foi realizado com as crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, integrantes da pesquisa. O roteiro foi escrito a partir de problemáticas vividas pelas crianças. Alguns meninos questionavam por que não podiam usar brincos; as meninas, por que tinham de realizar os afazeres domésticos, entre outras questões problematizadas ao longo da pesquisa e visibilizadas no roteiro do filme.

Urge salientar que a produção desse filme, e de outros que produzimos com as crianças, além da discussão das técnicas cinematográficas, visamos a produção de conteúdos com a linguagem audiovisual, no caso do filme em destaque, o conceito foi o das relações de gênero. O conceito de gênero passou a ser utilizado como categoria analítica nas pesquisas acadêmicas brasileiras nos anos de 1980, segundo os estudos de Guacira Lopes Louro (1997). Para a autora, ele é entendido como:

[...] construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. (LOURO, 2000, p. 26).

Louro (2000) destaca que é na sociedade e na cultura que as diferenças biológicas entre homens e mulheres são significadas e representadas. Portanto, tornamo-nos homens e mulheres na cultura. Na produção do filme, as crianças discutiram sobre suas constituições como sujeitos masculino ou feminino a partir de exemplos de situações cotidianas, questionaram de onde essas regras advinham, quem as ditavam, do que isso provocava nos sujeitos. Com as intensas discussões pudemos problematizar aspectos tão naturalizados na cultura e com isso propor novas formas de constituição de subjetividades daquelas crianças. Essas questões apareciam nas discussões coletivas do roteiro do filme até a sua produção final, que tinha como propósito questionar as regras dos marcadores de gênero pelas cores rosa para as meninas e a cor azul para os meninos.

Concomitantemente ao processo de produção desse filme, nos encontros da pesquisa construímos, em conjunto, a ideia de uma personagem que morasse em nossa região, a do Centro-Oeste. A imagem da princesa estava muito presente nos desenhos e discussões das crianças, por esse motivo, lançamos a ideia da construção de uma princesa que morasse no Pantanal, daí a ser chamada de “A Princesa Pantaneira”.

No ano seguinte, 2011, retornamos à escola com novas turmas da mesma série para dar prosseguimento às atividades do projeto de pesquisa e de extensão. Foram retomadas as questões referentes à personagem Princesa Pantaneira, do seu contexto, das suas histórias, do argumento, do roteiro e da produção do filme de animação e de argumentos para a escrita do livro infantil. Muitas crianças, em especial as meninas, relutavam em pensar em outros jeitos de ser princesa, ainda mais pensando em uma delas morando e vivendo em realidades próximas. Em seguida, passamos a pesquisar o contexto em que a princesa viveria – o Pantanal. Apesar de viver perto deste ecossistema e o tema ser curricular, muitas crianças o representavam diferente da realidade: paisagens contendo pés de maçãs, ou a presença de bichos como girafas, baleias, elefantes, ursos. Essas informações nos fizeram pensar que também os livros, em sua maioria, expressam realidades diversas das vividas pelas crianças. Suas representações, bem como as por elas descritas, estavam povoadas pelo que têm lido e pelo que se passa em espaços muito diferentes, sem conexão e significados com suas vivências culturais. Nas discussões com elas, não pretendíamos “pedagogizar” a criatividade e a imaginação, mas provocar algumas discussões sobre as representações de masculinidade e feminilidade e também dos conhecimentos que tinham sobre o Pantanal, tão próximo e tão distante na compreensão das crianças.

Após as instigar a pensar em como seria a princesa, para muitas crianças, mesmo admitindo que ela pudesse morar no Pantanal, ainda predominava a ideia de que ela deveria ser loira e usar vestidos longos como as princesas tradicionais. Perguntamos a respeito do ideal de beleza; sugerimos nos olhar como éramos e ver outras belezas, outras formas, jeitos, vestimentas, tonalidades de cor de pele que poderíamos utilizar na representação da princesa.

A dificuldade encontrada na construção do roteiro e do argumento da escrita do filme foi a de “desidealizar” a figura da princesa nas representações das crianças. Ela foi construída histórica e culturalmente de um determinado jeito e isso dificultava pensamentos discordantes, mesmo no mundo da imaginação. Quando as crianças tentavam alguma mudança, revelando alguma criatividade e originalidade, logo o texto retornava ao padrão clássico dos contos de fadas (com casamento no final da história), dos imperativos do amor romântico, das demarcações do que se convencionou ser característica do gênero feminino, como doçura, meiguice, fragilidade. A negação também ocorreu em relação à construção de outro jeito de ser príncipe. Para as crianças, ele deveria ser corajoso, másculo, forte. Uma eventual menção à fragilidade resultaria, segundo a opinião daquele grupo de crianças, em prejuízo de sua masculinidade. Estas questões foram apontadas nos encontros posteriores, com vistas a discutir representações tão fortemente presentes nas falas e ilustrações das crianças. Livros para a

infância, que fizeram parte do primeiro eixo da pesquisa, foram disponibilizados para colaborar na imaginação da história do roteiro e para desestabilizar representações tão fortemente arraigadas.

Em sequência às discussões teóricas, seguimos os passos da produção do filme de animação: construção do argumento, escrita do roteiro, elaboração das falas, construção de personagens e contextos na fase da pré-produção. Na etapa da produção, foram realizadas filmagens com a técnica de recorte e desenho 2D. As crianças participaram efetivamente das filmagens: movimentando as personagens e dando vida a elas; na gravação das suas vozes; na produção de sons para os efeitos sonoros; na música tema; e no planejamento da pós-produção do filme.

O filme, denominado de *A Princesa Pantaneira* (9 min.), conta a história de uma princesa que vive no Pantanal sul-mato-grossense. É alegre, valente, corajosa, gosta de aventura e, no final, salva o príncipe em perigo. As representações de feminilidade e masculinidade são tensionadas no roteiro do filme. As características da princesa pantaneira contrapõem-se às que as crianças tinham demonstrando inicialmente, o que serviu para dar ideia do quanto esse processo foi fértil à reflexão sobre o que é ser menino e menina na sociedade e sobre como se podem construir novas formas de ser.

Em continuidade às ações de investigação, desenvolvemos a pesquisa *Representações de violência dentro e fora da escola nas vozes de crianças* (2012-2013), com apoio do CNPq. Nessa investigação, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa anterior, agora articulando as vozes e representações das crianças sobre gênero, violência e direitos humanos de crianças apreendidas em encontros sistemáticos, a partir de vários instrumentos: desenhos, textos e produções individuais e coletivas; discussão coletiva; fotografias tiradas por membros da equipe da pesquisa e também pelas próprias crianças; filmagem; registro de fragmentos do encontro anotados em caderno de registro.

No segundo semestre de 2012, iniciamos a referida pesquisa empírica com a realização de encontros sistemáticos com crianças, na mesma escola da realização da pesquisa nos anos anteriores. No início das atividades, seguimos os mesmos caminhos trilhados no estudo anterior: apresentação da pesquisa, coleta de assinaturas de autorização dos(as) responsáveis pelas crianças e por elas próprias aceitando participar da pesquisa e do projeto de extensão. Nesse ano também aliamos as ações da pesquisa com projeto de extensão *Produção de Filme de Animação com crianças – 2012'* (PREAE-PAEXT).

Foram realizados três encontros com a turma completa de cada uma dos dois 5ºs anos para a discussão e coleta de informações sobre as temáticas priorizadas nos projetos: gênero, violência contra crianças e direitos humanos, além desses temas

privilegiados a discussão da diferença também foi priorizada. Nos pequenos grupos, desenvolvemos as ações para a produção do filme de animação. Muitas das estratégias utilizadas foram análogas às da produção dos filmes anteriores; outras foram mudadas devido ao conhecimento e experiência acumulados ao longo desses anos. Desse modo, seguem as principais atividades desenvolvidas:

- 1) *Análise das respostas dadas pelas crianças nas atividades/fichas elaboradas nos encontros coletivos com toda a turma*: cada desenho realizado pelas crianças foi digitalizado e os textos digitados, organizados em *PowerPoint* e apresentados aos grupos de crianças e adolescentes para socialização e discussão;
- 2) *Construção coletiva do argumento do filme de animação*: após a discussão das representações das crianças sobre os temas propostos e discutidos no projeto, passamos a construir coletivamente a ideia geral do filme;
- 3) *Discussão e mediação de conceitos sobre linguagem cinematográfica*: nesse quesito, passamos a discutir com as crianças algumas particularidades e conceitos da linguagem cinematográfica; dentre elas, planos, enquadramentos, roteiro, *storyboard*, decupagem, entre outros elementos, sempre buscando “traduzir” esses conceitos para seu entendimento para facilitar a cada uma a apropriação da “gramática cinematográfica”. Além disso, as questões específicas da animação também ganharam destaque: técnicas utilizadas no cinema de animação e alguns princípios básicos como perspectiva, antecipação, valorização e exagero das personagens;
- 4) *Construção coletiva do roteiro*: as crianças começaram a refletir especificamente sobre a história que queriam contar. Essas questões foram negociadas e discutidas entre crianças e pessoas adultas;
- 5) *Escrita coletiva do roteiro*: a história foi sendo delineada com as contribuições de cada criança. As sínteses produzidas coletivamente foram elaboradas e escritas pela coordenação do projeto e reapresentadas ao grupo de crianças para que novas ideias e contextos pudessem ser incorporados. Pedimos que cada criança pensasse no texto narrado, transformando-o em imagens; outra questão de viabilidade era a possibilidade de produzir o filme com as condições materiais e de tempo que dispúnhamos. O título do filme e os nomes das personagens eram sugeridos e votados nesse momento;
- 6) *A escolha da técnica de animação e a construção de personagens e cenários*: A técnica escolhida nesse ano foi a de *stop motion*, com bonecos(as). Foi solicitado ao grupo de crianças que trouxessem de casa bonecos e bonecas e demais objetos de cenas para selecionar para o filme. A equipe também levou algumas sugestões para serem utilizadas. Foram escolhidos vários objetos e cenários; entre eles,

uma boneca, que passou a ser a atriz principal do filme. Após essa etapa, passamos ao desenho das cenas com o *storyboard*. A manipulação da boneca nos cenários, com os demais objetos de cena, facilitou, sobremaneira, a construção e visualização do filme, favorecendo o desenho dos planos para conduzir a filmagem;

- 7) *Retomada do roteiro, decupagem, gravação do áudio e efeitos sonoros*: em todo o processo de pré-produção do filme, o roteiro foi refeito e revisto. Em seguida, o roteiro foi organizado em cenas e estabelecida uma ordem para a filmagem. Os diálogos foram gravados, acompanhados dos efeitos sonoros.
- 8) *Filmagem*. A captação das imagens ocorreu quadro-a-quadro, com fotografia para cada movimento das personagens, perfazendo um total de 12 fotos para um segundo de gravação. As crianças planejaram, junto com os/as adultos/as, os movimentos que cada personagem faria em cada uma das cenas.
- 9) *Pós-produção do filme*: esse processo não teve a participação direta das crianças. Elas deram sugestões para a finalização do filme, mas sem participação efetiva na edição e finalização, realizada pela coordenadora do projeto.
- 10) *Exibição do filme*: a exibição do filme, *making of* e descrição de todo o processo de pré-produção, produção e pós-produção do filme ocorreu em um seminário final na universidade com a presença das crianças, seus/suas familiares, professores(as) e profissionais da escola, acadêmicos(as) e demais pessoas da comunidade acadêmica.

O filme produzido nesse ano, *Queitylêia em perigos reais* (9 min.), conta a história de uma menina que, em sonho, faz tudo o que sempre quis dentro de casa, colocando-se em situações de perigo e de vulnerabilidade.

O roteiro do filme expressou os perigos que a menina pode sofrer dentro de casa, de se tornar vulnerável ao se comunicar em sala de bate-papo com pessoa que não conhecia, além de outras atitudes que a colocaram em situação de perigo. O filme não pretendeu utilizar linguagem “pedagogicamente correta” para traçar um rol de atitudes e comportamentos para a menina seguir, mas provocar um diálogo com o(a) espectador(a) para pensar na possibilidade de a protagonista fazer tudo o que quisesse, ferindo-se e/ou tornando-se vulnerável dentro de casa. Pensamos que é a discussão do filme que se tornará mais instigante, em função da história do sonho da menina, do que necessariamente uma opção por uma narrativa normativa do que seria certo ou errado fazer dentro de casa para evitar perigos iminentes.

Em 2013, na mesma escola, desenvolvemos o último ano da referida pesquisa, com a produção de dois filmes com outras crianças, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental.

Nesse ano, seguimos os caminhos teórico-metodológicos construídos nos últimos anos, inclusive com o desenvolvimento de outro projeto de extensão com apoio da Pró-Reitoria de Extensão<sup>8</sup> (PREAE). Iniciamos o trabalho em junho e terminamos em dezembro do mesmo ano. Trabalhamos somente com uma turma do 5º ano, juntamente com alguns alunos e alunas do 6º ano, um aluno do 7º e outro do 8º ano (adolescentes que já participaram do projeto em anos anteriores). Os encontros ocorreram inicialmente com toda a turma no horário de aula, juntamente com a presença da professora regente da sala. Em cada encontro, com as mesmas temáticas do ano anterior, as crianças produziram desenhos e textos; fotografias foram tiradas; alguns poucos momentos foram filmados e também anotamos frases que consideramos significativas em um caderno de diário de campo e/ou no quadro branco da sala.

No decorrer dos encontros chamou-nos atenção o desenho de uma aluna realizado anteriormente. O desenho era de uma nave espacial voando no espaço. Era possível ver nas janelas o rosto de uma menina e de um ET. Percebi o fascínio das crianças pelos temas relativos ao universo e aos extraterrestres. Lancei a ideia de produzirmos uma história que tivesse em sua trama crianças terráqueas e crianças ETs, e que nela houvesse a temática da violação de direitos das crianças no planeta Terra, em especial, na cidade de Campo Grande, cidade onde vivemos. As crianças aceitaram imediatamente a proposta e passamos a produzir textos individuais e depois textos coletivos até serem transformados no roteiro do filme.

Paralelamente levamos livros infantis para serem lidos e discutidos e para servirem de inspiração para a produção de textos e de ideias com as temáticas da violência contra as crianças e direitos humanos desse público. Contos e recontos de fadas foram selecionados, especialmente os que apresentavam situação de vulnerabilidade das crianças, e, por isso, tornaram-se estratégias instigantes utilizadas nos encontros dos projetos para pensarmos na temática da violência contra crianças e as questões das diferenças e gênero. Novamente as crianças ficaram instigadas com os recontos de fadas. A partir daí, provoqueei o grupo para produzirmos outro filme sobre o conto do conto de fadas do João e Maria e assim o fizemos.

Em seguida, passamos a trabalhar em pequenos e grandes grupos para a construção dos roteiros dos dois filmes. O desafio foi dobrado nesse ano visto que multiplicamos em dois todo o imenso trabalho que é a produção de filme de animação com crianças e adolescentes.

Nesse ano, na medida em que trabalhávamos o roteiro, trouxemos brinquedos ópticos para serem visualizados e outros foram produzidos com o objetivo das crianças verem na prática como ocorre o mecanismo do movimento no cinema. Também foi apresentada uma breve história do cinema de animação desde os primórdios até a

primeira exibição pública, bem como as várias técnicas do cinema de animação, para que fizéssemos a escolha a partir da narrativa a ser contada.

O filme produzido, *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (9 min.), feito com a técnica de 2D, conta a história de amizade de duas crianças terráqueas, Lila e Luiz, residentes em Campo Grande, MS, próximo à escola das crianças do projeto, com as crianças ETs, Etvaldo e Etnilda, habitantes do Planeta Timbum. Lila e Luiz convidam-nas a passear no planeta Terra. Chegando aqui, conhecem a realidade de outras crianças moradoras da Terra: as que vivem com cuidado, alimentação e proteção; e as que são violadas, maltratadas, que sofrem todo tipo de violação de direitos. Crianças, terráqueas e ETs, resolvem denunciar essa situação e vão para a rua exigir que seus direitos sejam garantidos.

O outro filme, *João e Maria: dos contos à realidade* (9 min.), realizado com a técnica de *stop motion* (gravação quadro-a-quadro), é o reconto contemporâneo do conto de fadas do mesmo nome. João e Maria são irmãos e foram vendidos pelo pai e a mãe a um casal “mau” que morava em uma bela casa de doces. Lá deviam realizar trabalhos forçados e também eram obrigados a pedir dinheiro no semáforo. Descobriram que muitas outras crianças eram escravizadas pelo mesmo casal. Conseguem encontrar a chave da liberdade e fogem. Ligam para o disque 100 e vão para um abrigo aguardar por uma vida nova.

Ao longo desses anos de produção de filmes com as crianças, observamos que a utilização da técnica de *stop motion* com bonecos e bonecas, mostrou-se como espaço de produção coletiva e colaborativa entre meninas e meninos, sobretudo quando utilizamos bonecas como personagens. Nesses momentos, os meninos podiam brincar com elas, vesti-las, penteá-las, sem serem incomodados. O mesmo se aplicava às meninas, que brincavam com carrinhos, bolas e demais objetos socialmente considerados do “universo” masculino. Em um primeiro momento, essas aproximações dos meninos e das meninas provocavam estranhamento em ambos(as). Aos poucos essas ações se tornaram corriqueiras e possíveis para ambos os gêneros. Nesses espaços de ludicidade, de liberdade e de coletividade, não havia espaço para os sexismos, de separação entre os gêneros, pelo contrário, o que se viu foi um trabalho próximo, coletivo, cooperativo, poético, ético e estético...

Durante esses quatro anos de efetiva produção de seis<sup>9</sup> filmes de animação com crianças e adolescentes, muitas sensações, sentimentos, dúvidas, alegrias, cansaço e, sobretudo, profícuo trabalho coletivo, ocorreram de forma prazerosa e muito intensa. Além dos filmes, também livros (XAVIER, 2012, 2014a, 2014b; 2014c; 2014d) para a infância foram produzidos nesse processo, um deles falando sobre a trajetória de produção de filmes com as crianças e outros sobre as temáticas da violência contra esse

público e os direitos humanos de crianças e adolescentes. Em que esse processo de produção nos constituiu como sujeitos? Como as crianças pensam sobre si, à medida que produzem “janelas” para o mundo a partir da linguagem cinematográfica produzida nesses anos? Que modos de subjetivação estão em funcionamento nesse processo de produção dos filmes? Eis questões complexas que passo a tentar problematizá-las no tópico a seguir.

## Modos de subjetivação em cena: os pensamentos e a vida viram arte

O processo de construção coletiva de filmes de animação entre adultos e crianças descrito até agora, iniciado em 2010, provoca-nos questionamentos e o desejo de continuar a estudá-lo, em especial sobre como esses momentos podem ser pensados como produção de subjetividades, de cooperação, de cuidado de si e dos outros, de constituição ética e estética para adultos e crianças. A esse respeito tenho mais questões, e que bom que as tenho! Questões que apareceram no decorrer do processo de desenvolvimento dos projetos, bem como ao longo do presente texto, sem a pretensão de respostas, mas com o intuito de provocar e produzir problematizações e reflexões que me levam a pensar sobre a relação entre cinema e as formas de constituição de nós mesmos como sujeitos éticos e estéticos, na perspectiva foucaultiana.

O processo vivido com as crianças nesses anos foi mágico, criativo, colaborativo e também cansativo, árduo, trabalhoso. Um dos meninos que participou do projeto, tal como ressaltai no início deste texto, escreveu que durante todo esse tempo “*os pensamentos viraram arte*”. Foi isso o que aconteceu: os pensamentos coletivos, entre crianças e pessoas adultas, viraram arte no processo de fazer cinema. Esta é uma façanha do cinema de animação que diverte, provoca reflexões, promove novas formas de pensar de maneira lúdica, criativa e imaginativa. Com isso, promove novas formas de ser, novas formas de pensar em quem somos e o que queremos ser. O processo de “virar arte” não se aplica somente aos pensamentos, mas a própria vida, sobretudo as novas formas de ser construídas durante esse período de ver e fazer cinema. Essa arte da existência no processo estético é estudada pelo filósofo Michel Foucault (2014). Para ele, são:

[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilos. (FOUCAULT, 2014, p. 16).

O autor ressalta a possibilidade de fazer da vida uma “obra de arte”, na medida em que podemos elaborar um trabalho ético e estético sobre nós mesmos. O filósofo postula a elaboração do trabalho ético que se efetua sobre si mesmo “[...] não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 34). A partir de muitas das atividades propostas pelos projetos, as crianças puderam experimentar brincando de “tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se” (FOUCAULT, 2014, p. 48), pensando sobre assuntos poucos permitidos para elas, produzindo ideias em espaços propiciados para que isso ocorresse, produzindo cultura e conhecimentos, negociando com os pares e pessoas adultas sobre os andamentos das histórias narradas, aprendendo a pensar, refletindo sobre assuntos considerados como “verdades-únicas”, pensando sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

As crianças, em sua maioria, avaliaram positivamente os projetos e a produção dos filmes de animação, bem como a vivência e a convivência durante os seus processos. Afirmaram ser este um processo que é trabalhoso, que exige dedicação e, sobretudo, trabalho coletivo. Ao mesmo tempo em que apontaram os conhecimentos construídos e mediados, também observaram que o trabalho em equipe tem momentos de brincadeira, de risadas, de descoberta e de criatividade. Observaram que ao trabalhar em equipe, cuidam-se e, com isso, promovem outras formas de ser.

*O que eu mais gostei do projeto foram todas as risadas de todos nós, eu me diverti muito. Eu também gostei muito de ter participado. Amei participar da gravação de voz e também aprendi que devemos aceitar a opinião de outras pessoas. Professora, você me fez uma pessoa muito feliz!* (Ana<sup>10</sup>, 11 anos, 5º ano A).

O depoimento da Ana, de 11 anos, expressa aspectos que considero importantes para discutir a produção de filmes com crianças e a possibilidade de pensar os processos de subjetivação, de cuidado de si, os processos éticos e estéticos da existência de crianças e adultos. A menina que participou do projeto, tal como o menino que proferiu a frase que descrevi no início deste texto, remeteu-se à poesia, à felicidade, à diversão, à risada solta, à participação efetiva e ao trabalho coletivo na produção do filme de animação.

O que surpreendeu nesse processo da experiência dos vários projetos desenvolvidos, tanto os de pesquisa como os de extensão, foi a avidez das crianças por criar, questionar o mundo e questionar-se, especialmente quando se lhes propicia espaço para questionar assuntos que lhes dizem respeito. É sobre essa possibilidade de produção de subjetividade que penso ser esse o processo de ver filmes e, sobretudo, de produzir os filmes.

A produção da subjetividade das crianças se deu de várias formas durante o processo de ver e fazer os filmes. Uma delas foi a partir da forma de brincar de fazer cinema.

As crianças expressaram com alegria e prazer a participação nos momentos de produção. Muitas gargalhavam e diziam que nunca tinham se divertido tanto na escola como naquelas atividades. É o que Cláudio diz a respeito: “*Manhã: hoje eu desenhei, pinteí, gravei, me diverti, ajudei a [nome da pesquisadora] a montar o programa, eu ri demais e errei também, mas eu gostei. Tarde: eu desenhei, pinteí, segurei o microfone e ri. Hoje eu me diverti*” (Cláudio, 10 anos, 30 out. 2013).

As atividades corporais nos pequenos grupos eram livres. Em muitas atividades, as crianças ficavam sentadas ou em pé, ou até mesmas deitadas no chão, da maneira que melhor lhes aprouvesse. A liberdade corporal expressava o prazer com os corpos e, com isso, a satisfação com as ações dos projetos e com os demais membros do grupo.

Durante as atividades direcionadas à produção dos filmes, as crianças que não estavam desempenhando função específica – como manipular os bonecos de *stop motion*, fotografar ou filmar, desenhar etc. – exercitavam outras formas livres de brincadeira. Num desses anos, dois outros filmes foram feitos em paralelo pelas crianças nos momentos livres. Um deles, com as bonecas dançando um *funk*, e o outro, contando a história de uma casca de banana, que ganha vida ao derrubar uma vassoura. Em outra ocasião, em que filmávamos no começo da noite na escola, inventavam histórias sobre um fantasma que residia na horta. A imaginação e a invenção de novos brinquedos e brincadeiras, imaginários ou não, faziam com que os jogos infantis se relacionassem com as outras atividades direcionadas e produzidas coletivamente em prol do roteiro e produção dos filmes realizados coletivamente.

O ato de desenhar as personagens dos filmes, o cenário, as cenas... constituíam formas de brincadeira, em especial com o uso da mesa de luz, ou com outros instrumentos/brinquedos ópticos que propiciavam a ilusão de ver os desenhos/objetos em movimento. Quando a opção foi pelo quadro-a-quadro, em *stop motion*, a brincadeira ocorreu de forma mais concreta. Inicialmente, cada criança trouxe de casa brinquedos para serem selecionados para o filme; em seguida, a seleção das personagens (*casting*): podiam penteá-las, arrumá-las para depois as manipular nas filmagens. Nesse momento, percebíamos meninas e meninos brincando livremente de bonecas e bonecos. Inicialmente, os meninos ficavam mais constrangidos porque diziam que isso não era algo com que eles poderiam brincar, conforme já exposto. Essas questões eram questionadas e problematizadas no grupo. Aos poucos, foi-se construindo um consenso segundo o qual todos(as), meninos e meninas, poderiam brincar do que e com que bem entendessem e lhes aprouvesse, desde fazer as roupas para as personagens, até pentear

bonecos(as) e cuidar deles(as). Com esse combinado, eles eram os primeiros a se prontificar a manipular as bonecas. Percebemos, com essas discussões e condutas no espaço lúdico do fazer cinema na escola, que criamos um espaço de liberdade para meninas e meninos.

Os momentos de brincadeira eram vivenciados entre o prazer de aprender e o prazer de brincar. Não havia cisão entre esses dois momentos; eles ocorriam de forma complementar.

Outros aspectos destacados pelas crianças nos encontros da pesquisa foram o trabalho em colaboração nas atividades de criação/produção do filme, além de palavras que expressavam prazer, alegria, criatividade, capacidade de colocar-se no lugar do outro e de pensar novos jeitos de ser menina e menino. As crianças destacaram, sobre o processo colaborativo, o prazer do *fazer – filme de animação*. Elas relataram a sua trajetória e a do grupo na produção cinematográfica, em textos e ilustrações<sup>11</sup>:

*A parte do projeto que eu mais gostei foi tirar foto porque eu nunca tinha tirado foto numa máquina de tirar foto.* (Cláudia, 2012, 11 anos).

*Eu gostei bastante de aprender sobre o stop motion, mas é difícil e demorado ter de ficar fotografando movimento por movimento.* (Pedro, 2013, 10 anos).

*O que eu mais gostei do projeto foram os títulos que nós demos para os filmes e os desenhos que são muito bons. Gravamos as vozes. Foi muito interessante tudo o que nós fizemos. Tudo. Aquilo que alguns trouxeram, as bonecas. Isso não vou esquecer nunca. Tirar foto, pintar. O que eu mais gostei é quando a [professora] explica as coisas.* (Maria, 2013, 13 anos).

*O que eu mais gostei foi quando a gente começou a juntar as ideias e desenhar as cenas, desenhamos os direitos das crianças. Vimos filmes que mostram como fazer o stop motion que um boneco dá um passo, tira uma foto. Dá outro passo, tira foto.* (Larissa, 2013, 10 anos).

As crianças destacam e descrevem em detalhe, à sua maneira, o processo vivido, sua intensa atividade nos processos de produção do filme.

O *processo coletivo* de fazer o filme foi apontado, na esmagadora maioria dos textos/desenhos das crianças, especialmente na turma de 2012:

*Apreendi a fazer novas amizades, antes eu era muito fechada com todas e até mudei meu comportamento para melhor dentro e fora da escola.* (Beatriz, 12 anos).

*Eu adorei o projeto foi muito legal. Tivemos muitas ideias. Eu gostei de dividir as coisas com minhas amigas. Eu aprendi a dividir.* (Bia, 10 anos).

*Eu aprendi mais um pouco sobre a violência sobre as crianças, foi muito legal e a gente aprende a desenhar melhor e nós temos que ser companheiros um do outro para o filme dar certo. Adorei.* (Paula, 11 anos).

*Eu aprendi que fazer um filme sozinho não tem graça, o melhor é com os amigos.* (Gabriela, 11 anos).

Compartilhar, trabalhar em grupo, partilhar ideias, aprender a dividir, ser companheiro(a) um(a) do(a) outro(a) e viver a experiência de coletividade foram experiências vividas e narradas. Essas foram as tônicas apresentadas, sobretudo na turma de 2012, mas que também apareceram nas narrativas das crianças dos demais anos. Aspectos importantes para pensar na construção de outras relações na escola e fora dela, no cuidado de si e dos outros e, com isso, na construção de novas relações humanas, éticas e estéticas das crianças.

O conceito foucaultiano de cuidado de si expressa a experiência desses momentos na possibilidade de ver e entender o mundo pela “janela” do cinema. Foucault (2004) retoma a antiguidade greco-romana para refletir sobre o imperativo do cuidado de si como uma ética para o presente, sem a pretensão de buscar modelos para transpor para a contemporaneidade. Dedicou-se a estudar sobre o “cuidado de si mesmo” (*epiméleia heautoû*) para uma existência bela, para “ocupar-se consigo mesmo”, “preocupar-se consigo”, a partir de técnicas de si. Este trabalho sobre si, a *ascese*, não se dava pela renúncia de si, como a preconizada pela concepção cristã. Contrariamente, o cuidado de si é um voltar-se a si mesmo, preocupar-se consigo. Esse cuidado não era uma escolha individualista ou solitária; implica relações complexas com o outro.

A prática do cuidado de si não está restrita aos(as) filósofos(as) ou aos(as) que escolheram uma vida semelhante a deles(as): “É um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida” (FOUCAULT, 1985, p. 53). Esse processo se dá na medida em que podemos nos tomar como objeto de conhecimento, como objeto de pensamento. No entanto, como descrito anteriormente, esse processo não é solitário. O cuidado de si “[...] não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57). Cuidar-se de si, preocupar-se consigo, inquietar-se consigo pressupõem também pensar e cuidar do outro, preocupar-se com o outro. Isso se deu com as crianças ao longo do processo. Nos últimos dois anos dos projetos em que a temática foi sobre gênero, violência e direitos humanos de crianças, no início dos encontros, as crianças não paravam para se ouvirem. Os relatos de

violência narrados eram banalizados e objetos de chacotas. Aos poucos íamos perguntando do por que daquelas atitudes? Por que agiam daquela forma diante do depoimento das outras crianças? Não poderíamos respeitar a dor da outra pessoa? Como aquele relato poderia nos afetar? O que aquilo também tinha a ver conosco? Aos poucos as crianças passaram a respeitar as opiniões dos(as) colegas. Ver as situações de violência que estavam próximas delas. Passaram a pensar sobre o que eram, quem poderiam ser, que outro mundo mais justo poderiam pensar para as crianças.

Essas formas de cuidar de si, de se constituir como sujeito ético e estético se dá pelas práticas de subjetivação, conforme os estudos de Foucault (1985, 2004a, 2004b, 2014). Essas ações são as práticas de constituição do sujeito (CASTRO, 2009). São formas de atividade sobre si mesmo; formas de relação consigo mesmo; técnicas e os procedimentos mediante os quais se elabora essa relação; os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento; as práticas que permitem o sujeito transformar seu próprio ser (CASTRO, 2009).

Essas práticas foram possíveis pelo processo de ver e fazer cinema de animação com as crianças. Elas foram coletivas e partiram de alguns princípios como dialogicidade, coletividade, cooperativismo, colaboração e coexistência. O trabalho do eu-outro em busca de pensar sobre o mundo marcou o eixo metodológico colaborativo dos encontros. O exercício do pensamento foi constantemente exercido porque aprendemos a pensar inventando nossas próprias maneiras de nos relacionarmos com os signos do pensamento (GALLO, 2012). Para esse autor, o pensamento não é inato: ele é “produzido, fabricado, inventado” (GALLO, 2012, p. 108). O pensamento é possível desde que possamos propiciar condições e aprendizados para que ele ocorra. Foi isso que tentamos em nossos projetos: estabelecer territórios de pensamento sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. Territórios do livre pensamento para desnaturalizar assuntos tão fortemente naturalizados e normalizados.

No processo de produção de filmes de animação com crianças, como o que descrevi neste texto, vários desses elementos são/foram vividos/experenciados: cuidar de si e do outro, trabalhar coletivamente, mediar conhecimentos (nem sempre a pessoal adulta é quem sabe mais) e, com isso, produzir novas formas de ser e se constituir nesse processo criativo, ético e estético, novos modos de subjetivação estiveram em ação. Muitas formas de ser foram esboçadas, conceitos considerados como “verdades-únicas” desestabilizados, novas concepções de gênero reinventadas. Enfim... novos jeitos de ser são/foram colocados em ação!

## Notas

- <sup>1</sup>No presente texto não pretendo realizar discussões acerca dessas questões. Elas já foram frutos de algumas publicações. Ver: Xavier Filha (2014a, 2014b; 2014c; 2014d; 2014e).
- <sup>2</sup>Com supervisão do prof. Dr. Sílvio Gallo.
- <sup>3</sup>Filmes: *Isso é de menina ou de menino?* (3 min.) e *Rosazul no reino do Arco-íris* (5 min.).
- <sup>4</sup>Hoje a referida Secretaria tem incluída a Inclusão na sua Pasta, por esse motivo mudou a sigla para SECADI.
- <sup>5</sup>Projetos de Extensão: *Educação para a sexualidade, gênero e direitos humanos de crianças: produção de materiais didáticos para/com a infância* (2010) e *Produção de filme de animação com crianças* (2011).
- <sup>6</sup>Audiovisual produzido em parceria com a Animare.
- <sup>7</sup>O projeto de extensão contou com algum apoio financeiro e com o pagamento de bolsa para três acadêmicas do curso de Pedagogia da instituição pelo Edital PAEXT/PREAE – 2012.
- <sup>8</sup>Apoio PAEXT – 2013 e pagamento de quatro bolsistas de extensão no projeto *Produção de filme de animação com crianças – 2013*.
- <sup>9</sup>Um filme que não foi listado neste texto é *Ser criança em Campo Grande: um documentário animado* (9 min.), que não foi fruto de projeto de pesquisa ou de extensão, por isso a sua exclusão. Ele foi dirigido por mim, fruto de um curso de Documentário realizado pelo Pontão de Cultura Guaicuru e realizado com as crianças dessa mesma escola.
- <sup>10</sup>Esse e os demais nomes das crianças são fictícios.
- <sup>11</sup>Um instrumento de pesquisa utilizado foi realizado a escrita/desenho de uma ficha intitulada *O que mais legal aprendi/vivi na pesquisa*. Em 2013, além desse instrumento, ao final de cada encontro as crianças descreviam seus sentimentos e suas participações em um *Caderno de Registros*.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3*. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004a. (Ditos & Escritos, v. 5).
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRESQUET, Adriana Mabel. Entrevista com Adriana Fresquet. Entrevista realizado por Maíra Norton. *Poiésis*, Niterói, RJ, v. 1, n. 19, jul. 2012.

GALLO, Sílvio. *Metodologia de ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*: Lisboa: Porto Editora, 2000.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Kit de Materiais Educativos de Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2009a.

XAVIER FILHA, Constantina. *A menina e o menino que brincavam de ser...* Campo Grande, MS: EdUFMS, 2009b.

XAVIER FILHA, Constantina. “*Eu nunca fiquei tão cansada com uma coisa tão divertida e que me deu prazer de fazer e participar*”: a produção de filme de animação em pesquisa com crianças. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE ESTUDOS DA CRIANÇA “PESQUISA COM CRIANÇAS: DESAFIOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS, 2., 2014, Porto Alegre. *Anais Eletrônicos...* Porto Alegre, RS: UFRGS, 2014a.

XAVIER FILHA, Constantina. Violência contra criança e direitos humanos em produção de filme de animação com crianças. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 6., 2014. Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, MG: Center Gráfica e Editora, 2014b.

XAVIER FILHA, Constantina. E agora, Bernardo?! Corpos infantis, sexualidades e violência contra crianças. In: FERRARI, Anderson et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras, MG: UFLA, 2014c.

XAVIER FILHA, Constantina. Novos jeitos de ser princesa em filmes de animação. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e infâncias no cinema*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2014d.

XAVIER, Tina. *As aventuras da Princesa Pantaneira*. Campo Grande, MS: Editora Life, 2012.

XAVIER, Tina. *Do meu corpo eu cuido e protejo*. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014a.

XAVIER, Tina. *Meninas e meninos têm direitos*. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014b.

XAVIER, Tina. *Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema*. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014c.

XAVIER, Tina. *Viver sem violência é um direito*. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014d.

## Production of animation film with and to children: thoughts can become art

### Abstract

The language of animation films reaches the public and also the taste of children. However, in most cases, children are shut out of the process of producing such films. There are some experiences in Brazil and abroad, where children participate in this process, sometimes experiencing the language, sometimes producing contents. Thinking about the playful, imaginative and creative reach of Cinema, combined with childhood culture, we developed research meetings with children from the 5th years of elementary school in a public school in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, in the course of research supported by CNPq and extension projects in the years 2010-2013. In these meetings, along with issues related to cinematic language, other issues were prioritized to ensure the construction of the narrative of films, among them, gender, sexuality, diversity/difference and violence against children. During the process, we produced along with children scripts, scenes, construction of characters and other processes of production and planning post-production of the animation films: *Jéssica e Júnior no mundo das cores* (2010); *A Princesa Pantaneira* (2012); *Queityléia em perigos reais* (2012); *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (2013); and *João e Maria: dos contos à realidade* (2013). This article aims to describe the production process of these films, reflecting on the trajectory of collective production between adults and children in the possibility of producing art, poetry, new forms of subjectivity and problematization of subjects that relate to experiences of childhood.

**Keywords:** Language and Education. Culture. Communication.

## Producción de película de animación con y para niños: los pensamientos pueden transformarse en volcar arte

### Resumen

El lenguaje de las películas de animación alcanza el público y el gusto de niños. Sin embargo, la mayoría de las veces, los niños no participan del proceso de producción de esas películas. Existen algunas experiencias en Brasil y en el exterior en que los niños participan de ese proceso, ora experimentando el lenguaje, ora produciendo contenidos. Pensando sobre el alcance lúdico, imaginativo y creativo del cine aliado a la cultura de la infancia, desarrollamos encuentros de investigación con niños de los 5ºs años de la Enseñanza Fundamental en una escuela pública de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, con apoyo del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) y de proyectos de extensión, durante los años de 2010 a 2013. En esos encuentros, juntamente con las cuestiones relacionadas al lenguaje cinematográfico, otras temáticas fueron priorizadas para garantizar la construcción de la narrativa de las películas, entre ellas, género, sexualidad, diversidad/diferencia y violencias contra niños. En el transcurrir del proceso, producimos juntamente con los niños guiones, escenarios, construcción de personajes y otros procesos de producción y planificación de post-producción de las películas de animación: *Jéssica e Júnior no mundo das cores* (2010); *A Princesa Pantaneira* (2012); *Queityléia em perigos reais* (2012); *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (2013); *João e Maria: dos contos à realidade* (2013). El presente artículo tiene por objetivo describir el proceso de producción de las referidas películas, reflejando sobre la trayectoria de producción colectiva entre adultos y niños en la posibilidad de producción de arte, poesía, nuevas formas de subjetivación y problematización de asuntos que dicen respeto a las vivencias de las infancias.

**Palabras claves:** Lenguaje y Educación. Cultura. Comunicación.

**Constantina Xavier Filha**

*E-mail:* tinaxav@terra.com.br

**Recebido em:** 7/12/2014

**Aprovado em:** 12/7/2015